

Rota desafia a lei da gravidade e divide a mídia alemã

A Companhia de Dança Deborah Colker retornou à Alemanha, desta vez para apresentar o espetáculo *Rota*, criado em 1997. Como das outras vezes, as reações na imprensa foram as mais diversas possíveis.

TEXTO: ALEXANDRE SCHOSSLER

Reações controversas não são uma novidade nas apresentações da Companhia de Dança Deborah Colker na Alemanha. Desde *Casa*, de 2003, as opiniões sobre o trabalho da coreógrafa carioca vão das críticas arrasadoras aos elogios rasgados na velocidade de um dos dançarinos de *Maracanã*, o espetáculo que fundiu dança com dribble e foi feito sob encomenda para a Copa 2006. Com *Rota*, criação de 1997 que Deborah trouxe para a Alemanha dez anos depois, não é diferente.

“Quase todas as peças de Colker se transformam numa transbordantemente bem-humorada e revigorante declaração de amor à vida em todas as suas constantes mudanças”, escreveu o *Berliner Zeitung* sobre o espetáculo, que em agosto ficou dez dias em cartaz no Admiralspalast, na capital alemã, após uma temporada de duas semanas em Colônia, no final de julho. Para o jornal, trata-se de uma mágica que não é mágica, mas uma “verdadeira perfeição técnica”. A revista semanal *Focus* foi na mesma linha e comparou *Rota* a um espetáculo do renomado grupo canadense Cirque du Soleil: “Uma única, circense e acrobática revolta contra as leis da gravidade”.

O meio termo foi encontrado pelo *Tagesspiegel*, que fez reservas à primeira parte da apresentação – “não chega a decolar” – e às colagens musicais – “mais enervantes do que inspiradas” –, mas resumiu de forma positiva suas impressões sobre o



A roda gigante de Rota

espetáculo: “O sucesso de Deborah Colker se baseia na combinação de entusiasmo com espírito criativo”. Para o diário berlinense, “humor, ousadia e inteligência cinética” marcam as criações da coreógrafa.

Já o *Die Welt*, o outro grande jornal da capital alemã, foi impiedoso. O crítico Reinhard Wengierek classificou *Rota* como “uma decepção brasileira”. Ele utiliza uma declaração de Colker – “eu gostaria de levar um parque de diversões inteiro para o palco” – para ridicularizar a coreógrafa: “Para isso, a pobre fantasia da (por estranho que pareça) mundialmente aclamada dançarina, que obviamente se considera uma das melhores na sua área, não é suficiente”. Wengierek comparou o espetáculo aos exercícios de uma academia de ginástica. Ou ao aquecimento antes do ensaio de qualquer companhia alemã de teatro.

O parque de diversões em questão é a Disneylândia, onde Colker encontrou a inspiração para criar *Rota* durante uma visita com os filhos. O espetáculo é dividido em dois atos: o primeiro tem como pano de fundo um molde da revista de moda alemã

Burda e lembra um mapa de navegação. No segundo ato, o cenário é dominado por uma roda gigante, na qual os bailarinos se apresentam.

Para o *Kölnische Rundschau*, a primeira parte é uma espécie de preparação para a seguinte. “Os 17 bailarinos (entre eles a própria chefe) encontram, no labirinto dos moldes de costura projetados, um vocabulário comum para a exploração das suas rotas – às vezes com erros graciosos, às vezes caindo sobre o traseiro”, escreveu o jornal sobre o primeiro ato, que é pontuado com escorregões e outros “erros” propositalmente.

“Mas é na segunda parte, gravidade, que vemos para onde essa viagem vai: em imagens da realidade sonâmbula de um Hieronymus Bosch, os corpos se deslocam em câmera lenta quase até a desmaterialização, para no terceiro ato aparentemente revogar a lei da gravidade. Como artistas de circo, os dançarinos rodam dentro de uma roda de sete metros de altura, criando formações sempre novas e fascinantes, como num caleidoscópio.” Ou, como resumiu o *Kölner Stadt-Anzeiger*: “De tirar o fôlego”. ■

Leia também: “A arte não tem função alguma” Entrevista de Deborah Colker à DW-WORLD.DE: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,2698339,00.html>